

ANÁLISE DISCURSIVA E SOCIO-HISTÓRICA DE CONCEITOS PARA ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: O MÉTODO DO QUEBRA-CABEÇAS CONCEITUAL INFINITO

Alexandre Hochmann Béhar¹
Marcos Gilson Gomes Feitosa²

RESUMO

A elaboração de conceitos em Administração também se apresenta permeada por críticas como a naturalização de ideias, desconSIDERANDO o contexto socio-histórico original. A partir de um viés crítico-reflexivo, tal anacronismo não se daria ao acaso, mas permeado por formas de pensar a realidade (ou ideologias) direcionadas ao exercício do poder, por meio do controle e manipulação de indivíduos e grupos sociais. Partindo do pressuposto de que tais ideologias apresentam no discurso sua melhor representação, o Quebra-cabeças Conceitual Infinito pretende descortinar o caráter ideológico das construções discursivas associadas a um conceito e, assim, possibilitar reflexões sobre seus sentidos. Tendo como premissas o caráter socio-histórico da elaboração discursiva e (portanto) conceitual, além da influência de ideologias na construção de sentidos, voltadas ao controle de indivíduos e grupos, o método se sustenta em uma análise multidiscursiva e léxica de conceito em determinado contexto socio-histórico, voltado para promoção de emancipação.

Palavras-Chave: Pesquisa histórica; Ideologia; Discurso; Quebra-Cabeças Conceitual Infinito; Conceitos em Administração.

ANÁLISIS DISCURSIVO Y SOCIO-HISTORICO DE CONCEPTOS PARA ESTUDIOS ORGANIZACIONALES: EL MÉTODO DEL ROMPECABEZAS CONCEPTUAL INFINITO

RESUMEN

La elaboración de conceptos en la Administración también está permeada por críticas como la naturalización de las ideas, desconociendo el contexto socio-histórico original. Desde una perspectiva crítico-reflexiva, tal anacronismo no ocurriría por casualidad, sino permeado por modos de pensar la realidad (o ideologías) tendientes al ejercicio del poder, a través del control

¹Doutor em Administração; Professor EBTB do eixo Gestão de Negócios, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Campus Paulista, Paulista – PE, Brasil.

²Doutor em Educação; Professor adjunto do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife – PE, Brasil.

y manipulación de individuos y grupos sociales. Asumiendo que tales ideologías presentan su mejor representación en el discurso, el Infinite Conceptual Puzzle pretende develar el carácter ideológico de las construcciones discursivas asociadas a un concepto y, así, posibilitar reflexiones sobre sus significados. Teniendo como premisas el carácter sociohistórico de la elaboración discursiva y (por lo tanto) conceptual, además de la influencia de las ideologías en la construcción de significados, dirigidos al control de individuos y grupos, el método se fundamenta en un análisis multidiscursivo y léxico del concepto en un contexto dado socio-histórico, dirigido a promover la emancipación.

Palabras clave: Pesquisa historica; ideología; discurso; Quebra-Cabeças Conceitual Infinito; Conceptos en administración.

DISCURSIVE AND SOCIO-HISTORY ANALYSIS OF CONCEPTS FOR ORGANIZATIONAL STUDIES: THE INFINITE CONCEPTUAL PUZZLE METHOD

ABSTRACT

The elaboration of concepts in Business Administration is also permeated by criticisms such as the naturalization of ideas, disregarding the original socio-historical context. From a critical-reflective perspective, such anachronism would not happen by chance, but permeated by ways of thinking about reality (or ideologies) aimed at the exercise of power, through the control and manipulation of individuals and social groups. Assuming that such ideologies present their best representation in discourse, the Infinite Conceptual Puzzle aims to uncover the ideological character of the discursive constructions associated with a concept and, thus, enable reflections on its meanings. Having as premises the socio-historical character of the discursive and (therefore) conceptual elaboration, in addition to the influence of ideologies in the construction of meanings, aimed at the control of individuals and groups, the method is based on a multidiscursive and lexical analysis of the concept in a given context. socio-historical, aimed at promoting emancipation.

Keywords: Historical research; Ideology; Discourse; Infinite Conceptual Puzzle; Concepts in Business Administration.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar em detalhes o método Quebra-cabeças Conceitual Infinito para a reflexão sobre conceitos, no âmbito dos Estudos Organizacionais. Associado a perspectivas paradigmáticas críticas e reflexivas, defendemos a noção de que tal método pode ser frutífero na interpretação de perspectivas ideológicas presentes na elaboração do sentido associado a um conceito, a partir de uma análise discursiva historicamente orientada.

A relevância da proposta analítica se vincula às críticas ao caráter descontextualizado das construções teóricas em Administração em seu paradigma dominante, desconsiderando as influências do contexto social e histórico na construção de sentido discursivo (RAMOS, 1981; MATITZ; VIZEU, 2012; MOURA, 2014). Distante de se apresentar aleatória, tal condição possibilitaria a utilização das elaborações teóricas como meios de exercício de controle e dominação social, a partir do reforço e reprodução ideológicos (TRAGTENBERG, 1992; 2005; BARRETO, 2014; SEIFERT; VIZEU, 2014). Assim, a proposta analítica apresentada neste artigo se vincula à possibilidade de desconstrução dos sentidos ideologizados, associados a determinado conceito. A partir de uma perspectiva de orientação ideológica para controle e manipulação de grupos e indivíduos, pretendemos proporcionar desconstrução das concepções cristalizadas, possibilitando novas interpretações e de transformação social.

Assim, o método possui entre suas premissas a noção de que a construção de sentido sobre a realidade é compartilhada socialmente, tendo no discurso seu principal meio de representação e propagação (VAN DIJK, 1990; 2006; 2012; 2015). A esta se relaciona a noção de que a construção de sentido apresentaria imersa em relações de poder de determinados indivíduos e grupos sociais frente a outros, estando, portanto, impregnada de ideologias. A partir desta perspectiva, a possibilidade de transformação quanto a práticas ideologizadas se daria por meio de mudanças nas representações mentais compartilhadas socialmente, em determinado contexto histórico, acessadas por meio de discursos (VAN DIJK, 2015).

Outras premissas se alinham ao caráter histórico da elaboração discursiva. A essa fazemos referência à elaboração contextualizada de um conceito, assim como a perspectiva de transformação do seu sentido ao longo do tempo (KOSELLECK, 1989; 1992; 2006; 2012). Neste aspecto, a proposta analítica se vincula à possibilidade de resgates informacionais temporalmente para formulação de novas interpretações, contestações, revisão e transformação de questões contemporâneas (CURADO, 2001; VIZEU, 2010; COSTA; BARROS; MARTINS, 2010).

A estes pontos somamos também a pretensão de possibilitar uma análise sincrônica de um conceito, ou seja, restrita aos aspectos discursivos delimitada por específico contexto socio-histórico. Assim, é por meio de uma construção de *corpus* multidiscursivo (apoiado em um

conjunto de atores sociais) que operacionalizamos uma análise léxica dos discursos relativos ao conceito em questão, buscando indicativos do seu caráter ideológico, na intenção de proporcionar novas interpretações. Tais pontos serão melhor apresentados nas próximas seções.

QUEBRA-CABEÇAS CONCEITUAL INFINITO, UM MÉTODO QUALITATIVO

O desenvolvimento de uma proposta metodológica pretende possibilitar formas de construção de conhecimento que, na concepção atual de ciência, pretende vínculo à determinada abordagem. No que se refere ao Quebra-cabeça Conceitual Infinito, esta relação se dá à abordagem qualitativa.

Aumentando em proeminência e relevância nas Ciências Sociais a partir da década de 1970, a abordagem qualitativa busca associar perspectivas metodológicas que compartilhariam distanciamento a perspectivas objetivas, instrumentais, aglutinantes e que pretender colocar-se distanciadas de seu objeto de pesquisa. A referência quanto a tal abordagem, portanto, se faz por seu objetivo em possibilitar novas interpretações acerca das vivências individuais e sociais (DENZIN; LINCOLN, 2006; CRESWELL, 2010).

Assim, sob tal abordagem, pretende-se privilegiar as perspectivas dos sujeitos de forma que a construção do conhecimento possa repercutir com maior sentido sobre sua realidade, considerando a amplitude de estruturas a que se vincula a complexidade humana. Sob tal dimensão, é na possibilidade de contraposição à generalização e à padronização que reside sua capacidade de descortinar diversidades, expor contradições e propor transformações (GODOY, 1995; DENZIN; LINCOLN, 2006; CRESWELL, 2010; PIRES, 2010).

No que se refere a estas questões, observamos que o método aqui proposto não “surge”, mas decorre e se relaciona a bases ontológicas, epistemológicas e metodológicas de duas propostas: os Estudos Críticos do Discurso (ECD), a partir da perspectiva de Van Dijk (1990; 2006; 2012; 2015), e a História dos Conceitos, proposta por Koselleck (1989; 1992; 2006; 2012). Nas próximas seções apresentaremos as conexões do Quebra-cabeças Conceitual Infinito a cada uma destas.

QUEBRA-CABEÇAS CONCEITUAL INFINITO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO A PARTIR DE UMA CONCEPÇÃO DE IDEOLOGIA

Em sua perspectiva de análise crítica discursiva, a proposta do Quebra-cabeças Conceitual Infinito se associa a concepções que enfatizam o caráter relacional, social, cultural e contextual da construção discursiva compartilhada, permeado de interesses e disputas de poder. A este respeito Foucault (1999; 2008) ressalta a referência socio-histórica da construção discursiva e de significados, ainda que se distanciando do conceito de ideologia (ao menos em sua concepção clássica). Tal relevância encontra-se, entre outras, na elaboração de contribuições teóricas que destaquem o papel do contexto social e das transformações ocorridas neste contexto na construção de significados relacionados à determinadas construções discursivas (FOUCAULT, 1999; 2008).

Ainda que Foucault (1999, p.408) destaque a dimensão da “linguagem transformada em objeto” é entre os séculos XIX e XX que se observa a possibilidade de maior variação e flexibilidade associada às construções linguísticas, assim como a possibilidade de sua utilização orientada por determinados interesses (fossem eles conscientes ou não). Considerando o papel do contexto socio-histórico na construção linguística e de significado, Foucault (2008, p.15) observa que

quando as pesquisas da psicanálise, da linguística, da etnologia, descentraram o sujeito em relação às leis de seu desejo, às formas de sua linguagem, às regras de sua ação, ou aos jogos de seus discursos míticos ou fabulosos, quando ficou claro que o próprio homem, interrogado sobre o que era, não podia explicar sua sexualidade e seu inconsciente, as formas sistemáticas de sua língua ou a regularidade de suas ficções, novamente tema de uma continuidade da história foi reativado; uma história que não seria escansão, mas devir; que não seria jogo de relações, mas dinamismo interno; que não seria sistema, mas árduo trabalho da liberdade; que não seria forma, mas esforço incessante de uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si própria, até as profundezas de suas condições; uma história que seria, ao mesmo tempo, longa paciência ininterrupta e vivacidade de um movimento que acabasse por romper todos os limites.

Desta maneira, uma construção discursiva (assim como sua identificação) apresenta-se tanto associada ao contexto e ao momento histórico em que está inserida, quanto sofre modificações e adequações relacionadas às mudanças identificadas neste mesmo contexto. Em outras palavras, “a questão é saber se a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto” (FOUCAULT, 2008, p.37).

É justamente a possibilidade de transformação da construção discursiva, de acordo com parâmetros e conhecimentos reconhecidos como verdade em determinado contexto que torna evidenciável também as práticas de dominação e controle por meio da ação discursiva. Sobre tal questão Foucault (2012, p.8) afirma que

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivas sua pesada e temível materialidade.

Influenciado também pelos estudos de Michel Foucault, Van Dijk (1990; 2006; 2012; 2015) propõe os ECD, que vem a ser “(...) um movimento científico especificamente interessado na formação de teoria e na análise crítica da reprodução discursiva do abuso de poder” (VAN DIJK, 2012, p.09). Neste, o autor se debruça sobre as disputas de poder entre grupos, reunidos e orientados a partir de ideologias presentes nas construções discursivas compartilhadas socialmente. Estas ideologias se vinculam ao caráter social da linguagem, especialmente no que se refere à construção de sentidos para exercício do poder e manipulação. Desta forma, a constituição e reprodução de ideologias se sustenta no conhecimento disponível no contexto social (VAN DIJK, 1990). Tal concepção é posteriormente detalhada por Van Dijk (2006, p.23), na sua relação com o conceito de ideologia, uma vez que

as ideologias não são definidas somente em termos cognitivos senão também em termos de grupos sociais, relações de grupo e instituições, em um macronível, e em termos de práticas sociais, em um micronível. Se enfatizará que as ideologias são

construídas, utilizadas e modificadas por meio dos atores sociais como membros de um grupo, em práticas sociais específicas e, frequentemente, discursivas.

Sob tal perspectiva, Van Dijk (2006, p.18) observa que “ocultação, legitimação, manuseio e outras noções relacionadas que são consideradas as principais funções de ideologias na sociedade são, acima de tudo, práticas sociais discursivas (ou semiótica, em um sentido mais amplo)”. Desta forma,

embora os discursos não sejam as únicas práticas sociais baseadas na ideologia, eles são de fato fundamentais na sua formulação e, portanto, na sua reprodução social. Os membros de um grupo precisam e usam a linguagem, texto, conversação e comunicação (incluídos aqui no termo genérico "discurso") para aprender, adquirir, modificar, confirmar, articular e também para transmitir de forma persuasiva ideologias a outros membros do grupo, inculcá-los em novatos, defender-se contra (ou ocultá-los), fora os membros do grupo ou propagar entre aqueles que são (até agora) os infiéis (VAN DIJK, 2006, p.19).

Assim, no âmbito do poder, o exercício ideológico representaria

essencialmente poder *social* em termos de *controle*, isto é, de controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros. Tradicionalmente, controle é definido como controle sobre as ações de outros. Se esse controle dá também no interesse daqueles que exercem tal poder, e contra os interesses daqueles que são controlados, podemos falar de *abuso* de poder. Se as ações envolvidas são ações comunicativas, isto é, o discurso, então podemos, de forma mais específica, tratar do controle sobre o discurso dos outros, que é uma das maneiras mais óbvias de como o discurso e o poder estão relacionados: pessoas não são livre para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou a empresa interessada na supressão da liberdade da escrita e da fala (tipicamente crítica). Ou, ao contrário, elas têm que falar ou escrever como são mandadas a falar ou escrever (VAN DIJK, 2012, p.17/18, grifo do autor).

Desta forma, se associam à noção de ideologia compartilhada a concepção de que suas elaborações se inserem (e se limitam) a determinado contexto histórico. A partir disso, são compartilhadas cognitivamente entre grupos sociais, propiciando valor identitário,

orientando práticas sociais. Sua finalidade principal seria o exercício do controle sobre outros grupos. É por meio da criação de sentido do mundo em torno do indivíduo que as ideologias possibilitariam o estabelecimento de crenças individuais e, direcionadas a pautar novas interpretações e orientar atitudes individuais e coletivas. Para tanto, o autor sustenta sua construção teórica sobre os pilares cognição, sociedade e discurso (VAN DIJK, 2006).

A relevância destes pilares relaciona-se às interpretações sobre os processos ideológicos de forma geral. Para Van Dijk (2006) não considerar qualquer um destes aspectos no processo de análise ideológica inviabiliza sua compreensão mais ampla e, portanto, qualquer possibilidade de ajustamento ou percepção de seu impacto sobre os indivíduos e grupos. Desta forma, Van Dijk (2006, p.21) destaca que “se as ideologias se desenvolvem para ‘legitimar’ o poder ou a desigualdade social, qual é a natureza precisa destes processos e práticas de legitimação?”.

No que se refere ao eixo cognitivo, Van Dijk (2006) destaca o papel histórico das concepções ideológicas, relativo ao campo das ideias socialmente compartilhadas, da construção de crenças individuais e coletivas e, portanto, da interpretação (ou leitura) do ambiente em que se insere. Um aspecto a ressaltar no processo de estabelecimento de uma ideologia refere-se, entre outros, validar como conhecimentos isentos crenças oriundas de pressupostos ideológicos. Tal validação sustenta elaborações individuais e coletivas relacionadas aos conceitos de justiça (valores), opinião, relacionamento com as emoções. Desse modo, o autor destacadamente se detém em analisar como as ideologias influenciam e orientam a visão de mundo dos indivíduos, e de que maneira estas induzem a relação destes com outras ideologias.

A partir desta perspectiva Van Dijk (2006, p.23) observa que os processos de aceitação, incorporação e/ou modificação de uma dada ideologia “não são construções individuais, idealistas, mas construções sociais compartilhadas por um grupo”. Assim, a perspectiva do pilar social na constituição ideológica não se apoia simplesmente na explicação das estruturas de sustentação, mas inclusive nas funções exercidas pela ideologia em uma determinada sociedade. No que se refere a esta questão, Van Dijk (2006) vai além dos aspectos negativos da ideologia (legitimação do poder e da desigualdade), mas propõe caráter

iminentemente positivo na reação dos grupos dominados por meio da solidariedade e organização para luta e resistência.

Já no que refere ao aspecto discursivo, Van Dijk (2006) destaca basicamente como meio de expressão, produção e reprodução ideológica, em virtude papel relacional deste na intermediação entre o cognitivo e o social. Sobre tal questão, observa-se que “só podemos explicar essas relações se sabemos como usuários da língua escrever ou falar, ler ou compreendem e interagem eficazmente, pensam e ‘entendem’ o que fazem a si mesmos e a seus coparticipantes” (VAN DIJK, 2006, p.24). Assim, “o discurso permite aos atores sociais formular conclusões gerais baseadas em várias experiências e observações; pode descrever eventos passados e futuros; pode descrever e prescrever, e pode descrever ações e crenças em qualquer nível de especificidade e generalidade” (VAN DIJK, 2006, p.245).

Desta forma, é a partir dos três aspectos citados e suas relações que Van Dijk (2006, p.24) “procura articular uma posição explícita de dissidência acadêmica nas relações de dominação e desigualdade social”, para a realização de uma análise crítica das “más” ideologias. Ainda que apoiada em três pilares, ressalto que Van Dijk (2006) relaciona ao discurso o papel de socialização de uma ideologia, condição que demanda detalhamento.

É a partir de tais compreensões que Van Dijk (2006, p.21) propõe como conceito de ideologia “a base das representações sociais compartilhadas pelos membros de um grupo”. Desta forma, além de ampliar a dimensão quanto à perspectiva negativa relacionada ao termo ideologia não apenas associada à intenção das classes dominantes, de forma inovadora o autor propõe também uma perspectiva positiva quanto ao conceito. Quanto a esta, Van Dijk (2006, p.24) destaca que “há boas razões teóricas e empíricas para supor que também existem ideologias de oposição e resistência”. Desta forma, estas “ideologias servem para capacitar grupos dominados positivamente, construindo a solidariedade, organizando a luta e sustentar a oposição” (VAN DIJK, 2006, p.178).

Assim, contrariamente à concepção ideológica central em Marx (THOMPSON, [1990] 2009), onde o domínio ideológico estaria centrado no aspecto econômico, restritas assim às relações entre burguesia e proletariado, Van Dijk (2006) ressalta a possibilidade da presença

de ideologias em diversos campos da sociedade. Neste sentido, o autor propõe que a supremacia de determinado sistema de ideias decorre da aceitação de seus fragmentos ideológicos por parte dos demais grupos sociais, uma vez que “teoricamente, não há razão para estes vários grupos não-dominantes adotem as ideologias dominantes, se estas são inconsistentes com as suas experiências diárias, suas opiniões sobre eventos sociais e seus interesses básicos” (VAN DIJK, 2006, p.231).

Desta forma, na concepção do autor, a aceitação da ideologia dominante pelos grupos dominados se sustentaria a partir dos benefícios proporcionados pelos fragmentos desta, assim como se dissiparia na medida em que estes mesmos fragmentos não se adequassem aos interesses destes grupos (VAN DIJK, 2006). Isso não significa dizer, entretanto, que o processo de adesão a determinada ideologia se daria por absoluto entendimento e isenta capacidade de escolha dos integrantes. Ao contrário, uma condição relevante para o estabelecimento da dominação ideológica decorre dos processos de comunicação associados, que possuem por finalidade atuar na manipulação da interpretação destes indivíduos. Assim, tal convencimento se apoia sobre “sua divulgação nos meios de comunicação, o discurso público e os processos sociais de individualização e a concorrência entre os grupos dominados” (VAN DIJK, 2006, p.232).

Quanto à noção de manipulação, Van Dijk (2006) se refere à mitigação das partes inconsistentes de determinada ideologia, ao mesmo tempo em que enfatizam ou destacam as partes que podem ser mais atrativas a determinados grupos ou indivíduos. No sentido oposto, a possibilidade de questionamento e dissidência da dominação ideológica, para Van Dijk (2006), apoia-se na possibilidade de percepção das particularidades propositadamente ocultadas de uma ideologia. Assim, observadas as premissas ontológicas e epistemológicas associadas à base crítica discursiva do método, na próxima seção daremos ênfase ao aspecto histórico do Quebra-cabeças Conceitual Infinito.

QUEBRA-CABEÇAS CONCEITUAL INFINITO: UM MÉTODO DE PESQUISA HISTÓRICA ATRELADA A UM CONCEITO

A perspectiva histórica ganhou espaço nos debates acadêmicos nos últimos anos, no âmbito dos Estudos Organizacionais brasileiros (CURADO, 2001; VIZEU, 2007; COSTA; BARROS; MARTINS, 2010). No que se refere a esta, Holanda (2006, p.365) observa que “visa à coleta, catalogação e descrição de acontecimentos históricos para posterior interpretação e construção de um quadro relevante para a ciência”. Sua perspectiva apoia-se na dimensão de que “a história permite ao homem interrogar e refletir sobre sua existência, lhe fornecendo um ‘fio condutor’” (CURADO, 2001, p.1). Desta forma, observa-se que “a importância da historiografia não está atrelada à ideia de que a história não é uma ciência do passado, mas a ciência dos homens no tempo cuja relevância reside na importância atribuída ao presente para compreensão do passado” (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010, p.290), onde “por mais afastados no tempo que pareçam estar os acontecimentos, na realidade, a história liga-se às necessidades e às situações de um presente onde tais acontecimentos têm ressonância” (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010, p.291). A partir desta noção, destacamos também a observação de Pieranti (2008, p.5) de que “a pesquisa de cunho histórico tem como base o passado, mesmo que seja visto como raiz para a explicação do presente”.

Do ponto de vista dos Estudos Organizacionais, observamos que o processo de constituição e desenvolvimento das organizações, assim como das teorias organizacionais, se relaciona a determinados contextos históricos. Assim, a utilização da pesquisa histórica como estratégia metodológica auxilia na identificação e análise destes contextos, por meio da constituição de um quadro teórico-conceitual (VIZEU, 2007). Sua utilização “contribui para que o pesquisador evite atribuir caráter a-histórico e determinístico aos estudos, o que pode levar, por exemplo, a anacronismos” (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010, p.289). Desta forma, a pesquisa histórica realizada no âmbito dos Estudos Organizacionais, pretende contribuir para análise dos fenômenos organizacionais “por meio do enriquecimento e ampliação das pesquisas, tanto pela adoção de quadro teórico-conceitual constituído a partir da análise histórica quanto pela aplicação da pesquisa histórica como método de análise” (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010, p.289).

Diante deste cenário, a proposta metodológica apresentada se vincula à perspectiva revisionista e reorientacionista, que pretende fomentar contestação ao caráter anacrônico

preponderante na pesquisa em Administração, oportunizando novas interpretações e perspectivas não apenas para ocorrências do passado, mas também no auxílio para reflexões e mudança para questões do presente (ÜDSKEN; KIESER, 2004; JACQUES, 2006; SEIFERT; VIZEU, 2015). À esta perspectiva são associados também estudos que privilegiem questionamento ao *mainstream*, por meio da desconstrução de símbolos naturalizados, por exemplo, em processos ideológicos de dominação (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010; VIZEU, 2010). Estas condições apresentam-se especialmente relevantes no cenário das organizações e dos Estudos Organizacionais, pautado por relações de poder também orientadas por ideologias (TRAGTENBERG, 1992, 2005). É neste sentido que, para um método que pretende viabilizar uma análise historicamente direcionada de um conceito, devem ser observados aspectos da História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*), proposta por Koselleck (1989; 1992; 2006; 2012).

No que se refere a tal proposta, observamos que “o estudo semântico dos tempos históricos é um método cujo propósito é a investigação dos atributos distintivos de cada período histórico, através da compreensão da sucessão de diferentes significados dos conceitos fundamentais de determinação da vida social” (VIZEU; MATITZ, 2014, p.170). Em outras palavras, a perspectiva de Koselleck (1992) parte da dimensão de significado associado às palavras de uma língua. Assim, não pretende “dar conta” de qualquer palavra, mas antes, “coloca-se como problemática indagar a partir de quando determinados conceitos são resultado de um processo de teorização” (KOSELLECK, 1992, p.136). Sobre tal direcionamento, apresenta-se fundamental “saber a partir de quando os conceitos passam a ser empregados de forma tão rigorosa como indicadores de transformações políticas e sociais de profundidade histórica (...)” (KOSELLECK, 2006, p.101).

Em outras palavras, Matitz e Vizeu (2012, p.585) observam que

enquanto cada palavra remete a um sentido ou conteúdo, conceitos demandam ao mesmo tempo uma formulação e uma interpretação teórica, reflexiva. Conceitos, portanto, envolvem graus de teorização/abstração necessários ao desenvolvimento de expressões capazes de conter de forma sintetizada e abstrata uma teoria acerca de um fenômeno concreto. O conceito é generalizante o suficiente para assumir o

significado que vai além do fato isolado e surge a partir de um processo de abstração e agregação.

A este respeito, tendo sua base analítica apoiada sobre fontes contemporâneas ao momento histórico estudado, o foco de tal abordagem parte do pressuposto de que toda construção conceitual não se apresenta unicamente como um fenômeno da língua, mas “é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua” (KOSELLECK, 1992, p.136). Desta forma, o papel do contexto é indicativo fundamental na construção de significado associada a determinado conceito, uma vez que “todo conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando compreensível” (KOSELLECK, 1992, p.136).

Ainda no que se refere a tal relação, Koselleck (1989, p.649) já destacava que “toda linguagem é historicamente condicionada, e toda história é linguisticamente condicionada”. É neste sentido que Vizeu e Matitz (2014, p.173) observam que, “no contexto da *Begriffsgeschichte*, o papel da linguagem assume posição central na construção do conhecimento fundamentado em análises historiográficas”. Assim,

a análise conceitual proposta pela *Begriffsgeschichte* pretende indicar horizontes de expectativa de futuro contido nos significados de conceitos do passado. (...) Desta forma, a linguagem se tornou ao mesmo tempo um indicador e um agente de mudanças sociais, além de um campo de batalhas semânticas que buscam definir, manter ou impor, posições políticas e sociais (VIZEU; MATITZ, 2014, p.174)

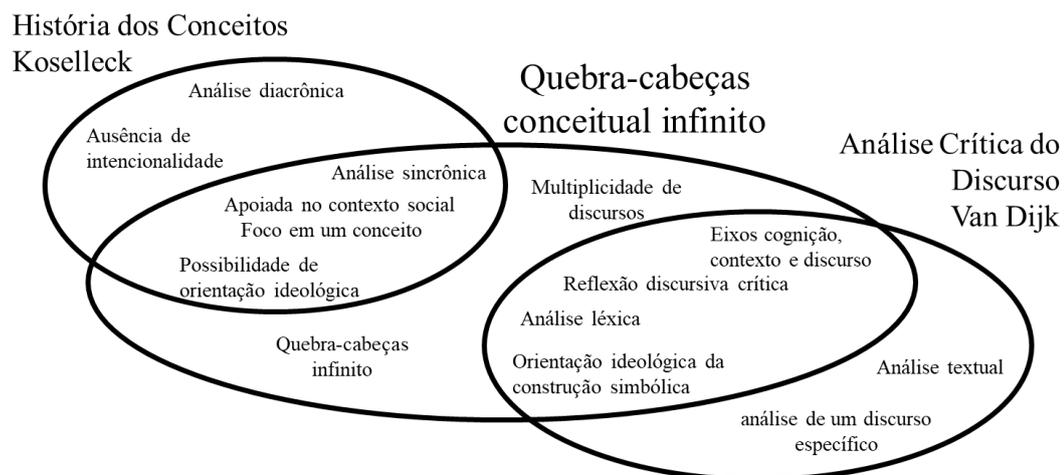
Desse modo, Koselleck (2006, p.103) observa que “a isso se segue uma exigência metodológica mínima: a obrigação de compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então”, destacando assim a relevância da pragmática da análise conceitual proposta (KOSELLECK, 2012). Em outras palavras, Jasmin (2005, p.32) observa que “neste registro é possível afirmar, rigorosamente, que os conceitos em si não têm história; mas também é possível afirmar, com rigor, que a sua recepção tem”.

Direcionando tal concepção para o campo dos Estudos Organizacionais, Vizeu e Matitz (2014, p.167) destacam que “a teoria da história da *Begriffsgeschichte* (História dos Conceitos) serve como arcabouço explicativo para a análise do fenômeno organizacional enquanto um dos mais importantes produtos históricos da modernidade”. Assim, “uma das principais contribuições é a disponibilizações de recursos importantes para a interpretação da modernidade, em particular para se compreender a natureza das formas simbólicas e institucionais que caracterizam esse tempo histórico” (VIZEU; MATITZ, 2014, p.169). Considerando apresentadas as premissas ontológicas e epistemológicas associadas ao caráter histórico do método de pesquisa, na próxima seção apresentaremos em detalhes os aspectos próprios do Quebra-cabeças Conceitual Infinito.

O MÉTODO QUEBRA-CABEÇAS CONCEITUAL INFINITO: PRESSUPOSTOS, OPERACIONALIZAÇÃO E LIMITAÇÕES

Relacionado aos aspectos apresentados nas seções anteriores, destacamos as características particulares a que se propõe o método em destaque neste artigo. Como já observado, o Quebra-cabeças Conceitual Infinito se relaciona algumas premissas das propostas História dos Conceitos (KOSELLECK, 1992; 2006; 2012) e ECD (VAN DIJK, 1990; 2006; 2012; 2015), mas também apresenta premissas únicas, que o distinguem enquanto método de pesquisa. Dito de outra forma, o método proposto neste artigo não possui apenas como bases constitutivas a proposição de uma análise sincrônica, orientada por uma análise socio-histórico restrita a um conceito específico (KOSELLECK, 1992; 2006; 2012), considerando a orientação ideológica dos discursos para dominação, parte da tríade contexto, discurso e cognição para uma reflexão crítica discursiva (VAN DIJK, 2006; 2012). Ele também se apoiada na multiplicidade de discursos, associados aos atores sociais delimitados ao contexto socio-histórico relativo o conceito escolhido, possibilitando uma elaboração diversa de significados compartilhados a respeito deste mesmo conceito, em determinada sociedade e momento histórico, nos moldes de um quebra-cabeças. Tais relações e vínculos podem ser observados na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Bases constitutivas do Quebra-cabeças Conceitual Infinito



Fonte: Autoria própria, a partir de Koselleck (1992; 2006; 2012) e Van Dijk (2006; 2012).

A estas definições, relacionaremos a operacionalização do método. Esta se sustenta nos seguintes passos: delimitação temporal, construção do *corpus* de pesquisa, multiplicidade dos discursos e procedimentos para a análise léxica.

Delimitação temporal

Como primeira etapa da operacionalização do método, desejamos destacar os cuidados relativos às delimitações temporais sobre as quais se apoiarão a análise discursiva. Por se tratar de um método analítico subordinado a uma estratégia de pesquisa histórica, a forma

como serão consideradas tais delimitações apresenta-se fundamental. A respeito desta questão, e levando em conta a grande relevância da contextualização socio-histórica para a ação no método, duas premissas se destacam: (a) a delimitação temporal relativa ao momento histórico estudado (sendo necessário levar em consideração as relações entre os discursos analisados e à uma ocorrência histórica central³); e (b) na ausência de uma ocorrência histórica específica, atuar na delimitação temporal a partir do próprio contexto em análise (considerando, por exemplo, o intervalo entre dois eventos marcantes para a sociedade em análise).

Identificamos também a possibilidade de subdivisão do recorte temporal em análise. Tal decisão pode ser tomada em relação a ocorrências históricas com amplo impacto social, ocorrência temporal ou associadas a disputa e interferência de diferentes grupos sociais ao longo do tempo. A decisão pelo desmembramento da análise temporalmente oportuniza, também, a elaboração de transformações associadas ao conceito em destaque, assim como os interesses envolvidos às mudanças discursivas.

Construção do corpus de pesquisa

Posteriormente à delimitação temporal, damos destaque à constituição do *corpus* de pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa histórica, que pode ser operacionalizada para elaborações e concepções de conceitos em momentos históricos antigos, destacamos a importância da realização de uma pesquisa documental. A este respeito, ressaltamos que o Quebra-cabeças Conceitual Infinito apoia-se prioritariamente (ainda que não exclusivamente) em documentos compartilhados socialmente. O destaque fica por conta da busca por documentos que representem grupos sociais, como meios de comunicação, manifestos, sentenças judiciais, representação de classe, entre outros. Assim, ganham destaque também jornais, livros, cartas, panfletos, bem como documentos oficiais. A finalidade associada a tais preceitos decorre do fundamental compromisso com uma ampla e detalhada elaboração do contexto a que se relaciona o conceito em análise.

³ Por ocorrência histórica nos referimos a acontecimentos de maior destaque na História e que influenciam períodos posteriores à sua ocorrência. Tal entendimento se alinha à ampliação da concepção tradicional de fato histórico, questionado pelos estudiosos da História Nova, conforme observam Le Goff (2005) e Reis (2000).

O passo seguinte se apresenta na classificação dos documentos relacionados à análise. Esta classificação, sempre reportando à ocorrência histórica referencial, pode ser constituída pelo ano de publicação do documento, pelo ator social (exemplo: imprensa, governo, empresários, artistas (obras literárias, imagens, entre outras possibilidades) ou mesmo por ambas). Assim, torna-se possível também a confrontação de diferentes discursos, em variadas instâncias.

Ainda associada à escolha documental encontra-se a necessidade de determinar aspectos da relevância, penetração e audiência. Neste sentido, por relevância nos referimos por preferência a fontes documentais utilizadas na representação de grupos sociais (como representantes do Estado, empresas, órgãos de classe, sindicatos, associações, entre outros) sendo, portanto, consideradas declarações oficiais de determinado grupo ou organização.

Já no que se refere à noção de penetração pretendemos destacar a amplitude de disseminação associada a determinado documento, ressaltando sua acessibilidade a diversos grupos sociais e, portanto, diversas audiências. Um aspecto relevante quanto à noção de penetração refere-se também à possibilidade de exclusividade de determinado emissor discursivo à específicas audiências, podendo ocasionar, assim, a relevância do documento para análise.

Por fim, por audiência pretendemos aprofundar detalhamento relativo à produção e consumo de determinado documento (enquanto representação de um discurso). Parte-se do pressuposto que documentos atrelados à maior audiência possuam, inicialmente, maior possibilidade de representação social. Isto não significa dizer, entretanto, que buscamos pela generalização de uma concepção conceitual. Ao contrário, como já observado, um dos aspectos associados ao método em questão refere-se à possibilidade de oposições discursivas concomitantemente. No entanto, a partir da perspectiva de cognição na constituição ideológica, pode existir conexão entre o consumo discursivo (representado por um documento) e as construções simbólicas pessoais. Ressaltamos ainda que documentos relacionados a maior audiência não devem restringir o acesso a outros documentos na realização da análise, direcionando seu destaque no sentido da representatividade.

Como limitações a esta possibilidade, no caso de se configurar uma pesquisa bibliográfica, as limitações inerentes ao método. Assim, observamos que a depender do período histórico sobre o qual se apoia a análise, pode não haver disponibilidade de documentos em volume e diversidade, para realização do cenário contextual, assim como pode ser extremamente complexo estabelecer as fontes discursivas mais relevantes, quando identificado um excesso de fontes documentais. Pode ser ainda impossível estabelecer, objetivamente, a clara distinção sobre a popularidade entre os documentos disponíveis para a análise. As possíveis ações para solução destas questões passam por: (1) alternativas ou limitações de acesso aos documentos; (2) classificação dos documentos em análise; (3) identificação da relevância, penetração e audiência quanto aos documentos escolhidos. O caráter interpretativo da pesquisa documental será detalhado no intertítulo relativo à análise léxica.

Em se tratando de se realizar uma pesquisa documental, a possibilidade de acesso aos documentos pode determinar os caminhos para realização da pesquisa. Neste sentido, a escolha pela pesquisa a partir de um mesmo arquivo ou acervo, ou pela diversidade de locais de acervo não se apresenta, inicialmente como uma questão problemática. O principal aspecto associado a tal escolha se configura na possibilidade de acesso à diversidade e quantitativo de documentos que proporcione maior profundidade na análise e esteja alinhada ao caráter multidiscursivo do método.

Multiplicidade de discursos

Uma vez que o método Quebra-cabeças Conceitual Infinito detém seu foco sobre a interpretação de um conceito específico, em determinado contexto socio-histórico, entendemos que é de fundamental importância não restringir a análise a uma única prática discursiva, associada ao específico agente de uma sociedade. Assim, um dos aspectos fundamentais da proposta analítica se reflete na multiplicidade de discursos presentes na análise, desde que relacionados ao conceito pesquisado.

Tal condição se apresenta necessária para a construção do cenário contextual, que vem a ser uma ampla análise do contexto associado ao conceito, delimitado a partir de premissas

associadas ao momento histórico em análise. Assim, na medida em que um discurso representaria a compreensão de determinado grupo ou indivíduo a respeito de um tema, é por meio da multiplicidade dos discursos em análise se que pretende construir uma elaboração conjunta das concepções que influenciaram a constituição simbólica de um conceito. Desta forma, apresenta-se viável, inclusive, realizar uma análise das diferentes ideologias em disputa, no âmbito de uma sociedade, em um dado momento histórico.

Isso não significa dizer que todos os discursos devem ser analisados conjuntamente. Na verdade, entendemos que a possibilidade de inferências ideológicas decorrentes da análise é melhor orientada por meio da identificação e separação entre os diferentes atores sociais relativos ao contexto socio-histórico. A importância de tal recorte decorre do compartilhamento do contexto histórico entre os agentes discursivos, questão fundamental para o procedimento analítico proposto.

Ainda relativo à multiplicidade dos discursos, o passo seguinte apresenta-se por proceder a análise por agente discursivo identificado no corpus em questão. Apresentamos, desta forma, as premissas associadas a tal concepção: (i) análise discursiva inicialmente restrita a um ator ou grupo social específico possibilitaria elaboração da perspectiva representativa do indivíduo ou grupo na referência a determinado conceito, em compartilhado contexto histórico; (ii) confronto das perspectivas apresentadas, no sentido de propor aproximações e diferenças; (iii) concepção dos interesses subjacentes às construções discursivas apresentadas pelos diferentes agentes discursivos no período em análise, sob a perspectiva de indicar caráter ideológico relacionado ao conceito em questão, e; (iv) analisar as diferentes interpretações e transformações do conceito em análise ao longo da ocorrência histórica escolhida. Tais noções, dependentes de uma contextualização histórica ampla e representativa do momento histórico em análise, se apresentam fundamentais para operacionalização da análise léxica, apresentada a seguir.

Procedimentos para a análise léxica

O último aspecto relacionado à execução do Quebra-cabeças Conceitual Infinito refere-se também a aspectos característicos da pesquisa qualitativa: o caráter interpretativo da

análise e da unicidade do fenômeno, desconectados da finalidade de generalização dos achados a outros fatos históricos, além de interpretações pretensamente definitivas (ainda que as conclusões obtidas estejam disponíveis ao debate e ao questionamento). A respeito destas características, o Quebra-cabeças Conceitual Infinito não deve ser meio para proposição de interpretações encerradas a respeito do conceito em análise, mas caberia ao indivíduo analista o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento de forma ampliada, contrapondo, complementando ou inovando análises discursivas anteriormente realizadas. Assim, a partir da metáfora de um “quebra-cabeças conceitual”, a proposta analítica aqui apresentada parte da perspectiva de que os diferentes olhares sobre determinado fenômeno, ainda que divergentes, apresentar-se-iam complementares na composição do cenário contextual a respeito da interpretação de determinado conceito em específico período histórico.

No que se refere aos procedimentos analíticos do Quebra-cabeças Conceitual Infinito, compartilhamos o entendimento de melhor adequação a análise orientada pela variação dos elementos léxicos relacionados ao conceito (análise lexical) (VAN DIJK, 2006), como referência para reflexões quanto ao método proposto. Assim, quanto à variação dos elementos léxicos, Van Dijk (2006) destaca a necessidade de compreensão das representações mentais (ou modelos mentais) compartilhadas socialmente, associadas às especificidades de um contexto, na construção interpretativa de um discurso.

No que se refere a esta questão Van Dijk (2006, p.259) destaca que, “sendo que estes modelos incluem opiniões, que por sua vez podem ter uma base ideológica, também os significados que derivam dos modelos ‘ideológicos’ (distorcidos, etc.) podem incluir aspectos ideológicos”. A questão central relacionada é que “muitas destas opiniões podem tornar-se convencionais e codificar-se no léxico (...)” (VAN DIJK, 2006, p.259).

É neste sentido que a análise lexical se apresentaria como “o componente mais óbvio (e também frutífero) da análise do discurso ideológico. Basta explicar todas as implicações das palavras usadas em um discurso e contexto específicos geralmente fornece um amplo conjunto de significados ideológicos” (VAN DIJK, 2006, p.259). Desta forma, Van Dijk (2006, p.259) conclui que:

teoricamente, isso significa que a variação dos elementos léxicos (ou seja, o estilo lexical) é um meio importante de expressão ideológica no discurso. Dependendo de qualquer fator contextual (idade, gênero, "raça", classe, posição, status, poder, relação social, etc.), os usuários de idiomas podem escolher palavras diferentes para falar sobre coisas, pessoas, ações ou Eventos. As visões pessoais ou grupais dos participantes, isto é, as atitudes e as ideologias, são uma importante restrição contextual e, conseqüentemente, uma fonte principal de variação lexical.

Inseridas no âmbito da análise lexical, Van Dijk (2006) destaca a sustentação argumentativa a partir de fatores de proposição, coerência (local e global) e relações proposicionais. No que se refere ao papel da proposição na análise léxica, o autor enfatiza as influências decorrentes do contexto social e dos modelos mentais compartilhados na estrutura gramatical do discurso. Em outras palavras,

las *proporciones* que representan el significado de las cláusulas y oraciones, tienen una estructura interna, de la cual, por ejemplo, los variados roles semânticos (Agente, Paciente, Objeto, etc.) pueden exhibir las formas en que los participantes están asociados con un acontecimiento, activa o pasivamente, responsablemente, o como experimentadores de los acontecimientos y acciones (VAN DIJK, 2006, p.260, grifo do autor).

Uma vez que o Quebra-cabeças Conceitual Infinito refere-se ao esforço analítico para interpretação associada a um conceito, ainda que ocorra variação em seu papel semântico nas diferentes orações do *corpus*, existe grande relevância na compreensão dos componentes associados. Isso não significa que se deve desprezar tal análise. É neste sentido que destacamos a observação de Van Dijk (2006, p.260), de que

essas representações semânticas são, é claro, uma função de como os eventos são representados e avaliados (em um modelo) e, portanto, podem ser controlados ideologicamente, dependendo da participação do grupo, da posição ou da perspectiva dos participantes no evento comunicativo. Quem é considerado o herói ou vilão, vitimador ou vítima, quais papéis devem ser enfatizados ou escondidos, são questões que organizam muitas atitudes ideológicas, e essas percepções podem ser projetadas diretamente em estruturas proposicionais e suas formulações sintáticas variáveis (ativas, passivas, nominais, etc.).

Desta forma, observamos que, uma vez que a proposta metodológica aqui apresentada direciona o foco para interpretação de um conceito específico, maior é preciso considerar a relevância na análise dos complementos associados ao conceito na oração. Em outras palavras, é por meio da adjetivação, dos complementos, da estrutura da oração, entre outros aspectos sintáticos, que será possível aprofundamento da concepção do conceito em análise.

O passo seguinte à investigação das proposições se refere à possibilidade de associação da coerência local e global. Relativo a estas, há maior devotamento ao aspecto interpretativo a partir dos modelos mentais compartilhados socialmente e, desta forma, inseridos (e influenciados) por uma ideologia. Em outras palavras, Van Dijk (2006, p.261) observa “que os usuários da língua vejam um acontecimento social como a causa ou não de outro acontecimento social, pode ter, em consequência, um efeito sobre a coerência de seu discurso”.

Especificamente no que se refere à coerência global (ou macroestrutura semântica) do discurso, a possibilidade de interpretação quanto ao direcionamento ideológico pode ser verificada por meio da identificação e detalhamento quanto ao argumento central do discurso. Permeia tal embasamento analítico apresenta-se o absoluto suporte na detalhada descrição do contexto. Referente ao Quebra-cabeças Conceitual Infinito, a apreciação relativa à coerência textual apresenta grande relevância para interpretação associada a um conceito. Tal investigação pode se dar tanto no âmbito de sua compreensão semântica (análise conceitual propriamente dita), quanto da construção contextual que apoia todo o processo analítico.

A última etapa da análise é direcionada às relações proposicionais, ou seja, pela busca pelo que está além do que é dito explicitamente. Dito de outra forma, “a informação explicitamente afirmada pode enfatizar propriedades negativas dos outros ou positivas do próprio grupo, enquanto o inverso é verdadeiro para significados ou pressupostos implícitos” (VAN DIJK, 2006, p.261).

Tal concepção se relaciona à finalidade ideológica de ocultar fatos e condições sociais, a fundamental interpretação das questões implícitas em um discurso se revela por meio de

análises de implicatura e pressuposições, por exemplo (VAN DIJK, 2006). Esta apresenta-se também como condição fundamental do Quebra-cabeças Conceitual Infinito, uma vez que tal método pretende proporcionar novas reflexões a respeito das noções associadas a um conceito, a partir das relações do contexto sócio-histórico.

Com a finalidade de proporcionar melhor entendimento sobre a operacionalização do método, a próxima seção é dedicada ao compartilhamento de sua aplicação. O texto escolhido refere-se ao trabalho de Béhar e Feitosa (2020), relativo à noção de competição no ambiente ferroviário estadunidense no período da Guerra de Secessão e da construção da primeira ferrovia transcontinental deste país.

APLICAÇÃO DO MÉTODO QUEBRA-CABEÇAS CONCEITUAL INFINITO

Esta seção é dedicada a exemplificar a operacionalização do método a que se refere este artigo. Como exemplo acessaremos o trabalho de Béhar e Feitosa (2020), dedicado a analisar noções associadas ao conceito de competição.

Os autores partem do pressuposto de que a ausência de uma conceituação específica na Administração, relacionada à competição, não apenas reflete apenas na utilização inadequada de conceitos (RAMOS, 1983; MOURA, 2014), mas também se apresenta como possibilidade de manipulação da ação individual a partir de interesses de outros grupos, por meio de ideologias (VAN DIJK, 2012; TRAGTENBERG, 2005; BARRETO, 2014; SEIFERT; VIZEU, 2015; BÉHAR, 2019).

A estas questões observamos aproximação às seguintes premissas do Quebra-Cabeças Conceitual Infinito: a ausência de conceituação específica ao longo do tempo indica a possibilidade de realização de uma “análise sincrônica”, com “foco no conceito”. A estas premissas se soma a possibilidade de “orientação ideológica da construção simbólica”. A partir da proposta metodológica apresentada, os pesquisadores seguiram para realização de “reflexão crítica discursiva”, apoiada nos eixos “cognição, contexto e discurso”. Por fim, a possibilidade de “análise léxica” relativa à “multiplicidade de discursos” pretendeu elaborar um verdadeiro “quebra-cabeças” das diversas noções associadas ao conceito, sem propor

uma resposta definitiva. A seguir detalharemos a operacionalização do método em cada uma das suas etapas

Etapa 1- Delimitação temporal

Assim, como primeiro passo da contextualização, os autores iniciaram uma pesquisa histórica no sentido de inferir o momento em que o conceito de competição é incorporado ao ambiente organizacional, tendo em vista possíveis conexões com as organizações contemporâneas (ainda que se trate de uma pesquisa histórica, os autores partem da possibilidade de conexões com a atual noção de competição organizacional).

Como retorno desta, os autores observaram que o conceito de competição, atrelado à Escola Clássica da Economia, foi incorporado às organizações em período anterior à Revolução Industrial (século XVIII). Com tais indicativos, os autores identificaram nova necessidade de delimitação temporal.

À nova pesquisa histórica realizada, considerando o contexto a partir da Revolução Industrial, possibilitou aos pesquisadores identificar o entendimento de Chandler (1999, p. 81) de que as organizações ferroviárias estadunidenses seriam “as primeiras empresas de negócios modernas”. Ainda assim, examinando que o ambiente ferroviário estadunidense se desenvolve a partir de 1828 (WOLMAR, 2012a), os autores entenderam ser necessária novas análises que proporcionassem delimitação ainda mais específica.

A continuidade da pesquisa histórica retornou com o decisivo papel da Guerra de Secessão no desenvolvimento da malha e das organizações ferroviárias estadunidenses, seguido pela construção da primeira ferrovia transcontinental dos Estados Unidos (CHANDLER, 1963; PERROW, 2002; WHITE, 2012; WOLMAR, 2012a; 2012b). Esta informação também levou a uma pesquisa sobre a história dos Estados Unidos, para fins de melhor contextualização e desenvolvimento das inferências sobre a cognição compartilhada à época. A partir destas informações os autores entenderam que o período mais representativo para delimitação do contexto, na realização de uma pesquisa histórica sobre o conceito de

competição organizacional, seria o ambiente ferroviário estadunidense, no período entre os anos de 1859 e 1869.

Por fim, destacamos que o trabalho de pesquisa histórica realizado proporcionou em contextualização ampliada do período em questão, auxiliando na composição de elementos relativos à possibilidade de cognição presente no recorte proposto pela pesquisa. Concluída a delimitação, os autores apresentaram a construção do *corpus* de pesquisa

Etapa 2 - Construção do corpus de pesquisa

Considerando o tempo transcorrido do período histórico em análise e os dias atuais, os autores indicaram a realização de uma pesquisa documental. A pesquisa histórica realizada na fase 1 também auxiliou na busca aos documentos a serem analisados. Sobre isso, os autores observam que Perrow (2002), White (2012) e Wolmar (2012a; 2012b) davam destaque à audiência de um periódico específico, com relevância para disseminação de informações e debates no meio ferroviário no período: o *American Railroad Journal*.

Assim, Béhar e Feitosa (2020) indicam a busca por edições do jornal relativas aos anos em que se desenvolve a pesquisa. No total foram identificadas 574 edições distribuídas em 12.938 páginas. Ainda que o método apresentado neste artigo considere a utilização de diversos documentos para realização da análise, os autores indicaram o acesso apenas ao referido periódico. Relativo à etapa de classificação dos documentos relacionados à pesquisa, os autores indicam que acessaram todos os anos previstos, selecionando um total de 163 matérias jornalísticas que faziam referência à temática escolhida para pesquisa.

Etapa 3 - Multiplicidade de discursos

A possibilidade de utilização de um jornal de circulação nacional à época, além de possibilitar inferências relativas ao contexto, à cognição e a discursos compartilhados socialmente (especialmente considerando a audiência e penetração do periódico indicado), se alinha ao caráter multidiscursivo do Quebra-Cabeças Conceitual Infinito.

Uma segunda rodada de classificação, a partir da identificação dos atores sociais relativos a cada uma das matérias selecionadas apresentou grande desequilíbrio na participação dos atores sociais. Assim, Béhar e Feitosa (2020) indicam que apenas os atores “representantes das empresas ferroviárias” e “representantes da imprensa” apresentavam continuidade de publicações no periódico, entre os anos de análise. Com esta nova classificação, os autores informaram a realização da análise sobre 128 matérias.

Considerando a possibilidade de interpretação de diferenças ideológicas presentes nos discursos dos diferentes atores em análise, os autores separaram os discursos por ator social para realização da análise léxica. Na sequência, seguindo a cronologia de apresentação destes discursos, foram realizadas análise cruzadas entre os atores. Tal opção proporcionou aos autores inferir novas interpretações à noção de competição no ambiente em questão. Mais especificamente, foram interpretadas três concepções de competição associadas aos “representantes da imprensa”, uma anterior à construção da ferrovia transcontinental e parte da Guerra de Secessão e outras duas posteriores à construção da mesma ferrovia: uma de dimensão interna ao território e outra de dimensão externa. Por parte dos “representantes das empresas ferroviárias” não haveria significativa alteração na noção de competição ao longo do período analisado.

Contudo, os autores destacam que, enquanto a primeira noção compartilhada por “representantes da imprensa” ia de encontro à noção compartilhada por “representantes das empresas ferroviárias”, as noções apresentadas pelos “representantes da imprensa” após o anúncio da construção da primeira ferrovia transcontinental dos Estados Unidos, ou é igualada a dos gestores ferroviários (dimensão interna), ou é alinhadas a supostos interesses nacionais no mercado internacional (BÉHAR; FEITOSA, 2020).

A identificação de três perspectivas associadas à competição, ainda que apresentadas por agentes sociais e momentos históricos diferentes, possibilitou aos autores inferir sobre conexões entre interesses destes agentes. Assim, considerando elementos constitutivos do contexto sócio-histórico e da cognição, a análise discursiva realizada proporcionou um cenário mais amplo na noção associada ao conceito de competição organizacional, conforme apresentado a seguir:

às elaborações discursivas observadas entre representantes da imprensa associamos características ideológicas tão distintas quanto as construções argumentativas relacionadas à competição. Assim, no período anterior ao conflito militar, a concepção ideológica da competição apresentada por representantes da imprensa se colocaria alinhada em construções discursivas macrossociais (especialmente as relativas à noção da competição dos economistas clássicos), direcionando críticas aos gestores ferroviários (exogrupo) contrários à livre competição. Contudo, pouco depois do início do conflito bélico, entendemos ocorrer profunda mudança na perspectiva de competição compartilhada por esse agente. A partir desse momento, os gestores ferroviários são percebidos como parte do endogrupo (na tentativa de evitar a competição entre empresas ferroviárias internamente), tendo no exogrupo as demais nações que competiam pelo comércio internacional. Atrelado a tais questões, nosso entendimento é de busca de influência da opinião pública (macrossocial) e partir de um discurso ufanista (microsocial) (BÉHAR; FEITOSA, 2020, p.862).

Tal análise se apoiou sobre a proposta da Análise Léxica para tais inferência. O detalhamento desta operacionalização será apresentado na subseção seguinte.

Etapas 4 – Detalhando a Análise léxica

A pesquisa apresentada como exemplo de aplicação do método orientou sua análise a partir da proposta da Análise Léxica. A isso, observamos que foram apresentados por eles elementos associados a fatores de proposição, coerência (local e global) e relações proposicionais (VAN DIJK, 2006), para a noção de competição, entre as matérias analisadas. Destacamos que, considerando a finalidade de exemplificação para este trabalho, apresentaremos apenas as etapas realizadas para o discurso dos “representantes das empresas ferroviárias”, a partir de Béhar e Feitosa (2020). Os mesmos procedimentos são apresentados para análise do grupo de “representantes da imprensa”, ainda que com interpretações diversas.

Da mesma forma como observado na subseção que exemplifica a Análise Léxica, no que se refere aos fatores de proposição Béhar e Feitosa (2020) se detém especialmente nas adjetivações, complementos e estrutura das orações que se refiram ao conceito de competição. Assim, do ponto de vista da adjetivação por parte dos representantes das

empresas ferroviárias, Béhar e Feitosa (2020) apresentam uma análise discursiva dos trechos mais diretamente relacionados ao conceito de competição, nas diferentes matérias analisadas. A isto, os autores destacam utilização de expressões como “ruinosa”, “impolítica”, “agressiva”, “vigorosa”, “desastrosa” ou “maléfica”, relativas à competição. Entre os complementos e estruturas das orações, os autores inferem a construção de argumentos contrários à competição e/ou que limitassem a mesma.

A partir destes recortes, Béhar e Feitosa (2020) seguem para a análise da coerência local e global de cada discurso. A análise das matérias levou os autores a inferir que, quando abordam a noção de competição, os gestores ferroviários apresentariam argumentos dedicados a questionar, criticar ou indicar necessidades de limitar a competição. Em outras palavras, a coerência local e global dos discursos dos gestores ferroviários analisados se apresentaria alinhada às observações realizadas sobre as adjetivações, complementos e estrutura de orações, sobre a noção de competição. Assim, considerando a perspectiva de competição apresentada pelos economistas clássicos e sua influência na constituição da sociedade estadunidense, Béhar e Feitosa (2020) propõem a “perspectiva negativa da competição”, enquanto coerência global (ou macroestrutura semântica) da maioria dos discursos analisados, entre gestores ferroviários.

Por fim, no que se refere às relações proposicionais é indicado o que estaria para “além do texto”, na “perspectiva negativa da competição” dos gestores ferroviários. A esta Béhar e Feitosa (2020) associam questões como justificativas: para redução dos lucros ou aumento dos prejuízos; para os negativos impactos sobre o preço das ações e pagamento de dividendos aos acionistas; para acesso privilegiado a mercados, e; para reforço às aquisições, fusões e acordos entre empresas. A estas intenções estariam associados elementos representativos da ideologia dos “representantes dos gestores ferroviários” a respeito da competição, em seu ambiente organizacional. A esta, os autores associam,

a polarização discursiva, direcionando as críticas às práticas competitivas (e seus responsáveis) ao exogrupo, ou o “grupo” a ser combatido. Subjacente ao que se poderia considerar por manipulação discursiva estariam os interesses destes gestores e de suas organizações (BÉHAR; FEITOSA, 2020, p.859).

Ainda que o exemplo apresentado se refira a um dos agentes discursivos, os autores destacam que não há plena homogeneidade dos discursos. A isso eles apresentam outros elementos discursivos que estariam associados aos “representantes das empresas ferroviárias”, na noção da “perspectiva negativa com efeitos positivos”:

Contudo, ainda que com menor representatividade, foi possível identificar representações de uma nova concepção da competição entre gestores ferroviários. Entre os anos de 1868 e 1869 observamos argumentações com alternativas para lidar com a competição ferroviária, como alterações nos horários e paradas, aumento do nível de conforto dos passageiros, melhorias associadas ao atendimento aos clientes, redução do preço de insumos e até mesmo busca pelo aumento de eficiência na gestão de custos para lidar com a redução de tarifas, decorrentes da concorrência (BÉHAR; FEITOSA, 2020, p.862).

A este respeito destacamos que é de fundamental importância a apresentação de todas as análises realizadas, ainda que não se apresentem alinhadas à maioria das inferências. A isso resgatamos uma premissa do método, que se propõe a ser “infinito”. Ou seja, pretende possibilitar a elaboração de um quadro ampliado das noções compartilhadas a respeito de um conceito, independente da frequência em que os argumentos sejam apresentados. Esperamos, desta forma, que seja possível ampliar o debate a respeito das noções associadas ao conceito, assim como proporcionar novas reflexões sobre este conceito e sua aplicação. Diante do exposto, na seção seguinte serão apresentadas as considerações finais deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo detalhar as bases conceituais, premissas metodológicas e a operacionalização do Quebra-cabeças Conceitual Infinito, dedicado à reflexão sobre conceitos, no âmbito dos Estudos Organizacionais. Defendemos que tal proposta privilegia perspectivas de pesquisa vinculadas a concepções revisionistas, reflexivas, históricas e apoiadas sobre o discurso.

À proposta metodológica apresentada pretende-se relacionar as críticas de anacronismo e desassociação do contexto sócio-histórico na elaboração conceitual e teorização organizacional, em seu paradigma dominante (RAMOS, 1981; MATITZ; VIZEU,

2012; MOURA, 2014), assim como do direcionamento ideológico das teorizações e conceituais organizacionais (TRAGTENBERG, 1992; 2005; BARRETO, 2014; SEIFERT; VIZEU, 2014).

A partir destas questões, pretendemos viabilizar uma proposta metodológica que proporcione uma interpretação de perspectivas ideológicas relacionadas à elaboração de conceitos presentes na Administração, a partir de uma análise discursiva historicamente orientada. Para tanto, foram acessadas a perspectiva dos ECD, propostas por Van Dijk (1990; 2006; 2012; 2015) e na perspectiva da História dos Conceitos, de Koselleck (1989; 1992; 2006; 2012) para desenvolvimento histórico-conceitual, além das características próprias do método.

Do ponto de vista dos ECD, são destacados o caráter crítico-reflexivo associado ao discurso, a análise léxica, a orientação ideológica da construção simbólica o acesso aos eixos cognição, contexto e discurso. Da perspectiva da Histórica dos Conceitos forma acessados a possibilidade de análise sincrônica, importância do contexto social, direcionamento à análise conceitual e possibilidade de orientação ideológica do conceito.

Já no que se refere aos elementos próprios, o Quebra-cabeças Conceitual Infinito se propõe a operacionalizar uma multiplicidade de discursos, inseridos no mesmo contexto, oportunizando uma constituição ampliada e mutável das concepções associadas a um conceito, em determinada sociedade e período histórico.

Contudo, o método também apresenta limitações. No que se refere a estas, podemos destacar as necessidades de estabelecer claramente os atores discursivos que irão compor o *corpus* e sua análise, as bases para delimitação temporal da análise e os procedimentos para escolha das fontes que irão compor o *corpus* em questão, assim como de sua relevância histórica. A possibilidade de minimizar tais limitações se vincula, inclusive, ao estabelecimento de procedimentos e bases analíticas claras no decorrer do procedimento de pesquisa e análise.

Por fim, pretende-se com esta proposta metodológica, oportunizar novas interpretações relativas a determinado conceito, possibilitando desmembramento de um possível caráter ideológico ilusório. Pretendemos também viabilizar a ação individual ativa na nova construção de sentido entre conceitos no campo da Administração.

REFERÊNCIAS

BARRETO, T. F. Ética ou ideologia empresarial? In: ROCHA, H.; CASTRO, R.; VIZEU, A. (Org.). **Comunicação e ideologia**. Recife: Ed. UFPE, 2014. p. 285-312.

BÉHAR, A. H. Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 89, p. 249-268, 2019.

BÉHAR, A. H.; FEITOSA, M.G.G. Competição enquanto representação ideológica no ambiente ferroviário estadunidense: uma historiografia entre 1859 e 1869. **Cad. EBAPE.BR**, v. 18, Edição Especial, Rio de Janeiro, Nov. 2020.

CHANDLER, A. **Strategy and structure: chapters in the history of the industrial enterprise**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1963.

_____. **The visible hand: the managerial revolution in American business**. Cambridge, MA/London: The Belknap Press, 1999.

COSTA, Alessandra de S. M.; BARROS, Denise F.; MARTINS, Paulo E. M.; Perspectiva histórica em Administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. **RAE**, v.50, nº 3, jul/set. 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURADO, I. Pesquisa historiográfica em administração: uma proposta mercadológica. **Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração**, 25, 2001, Campinas. Anais. Campinas: ANPAD, 2001.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: UNEPS/BOITEMPO, 1997.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forenses, 2008.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar/abr., 1995.

HABERMAS, J. Técnica e ciência enquanto “ideologia”. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HORKHEIMER, M. ADORNO, T. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, L.C. (org). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JACQUES, R. S. History, historiography and organization studies: the challenge and the potential. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 31-49, 2006.

JASMIN, Marcelo G. História dos Conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **RBCS**. vol.20, nº 57, p.27-38, fevereiro/2005.

KOSELLECK, R. Linguistic change and the history of events. **The Journal of Modern History**. vol.61, nº4, p.649-666, dec.1989.

_____. Uma História dos Conceitos: problema teóricos e práticos. **Estudos Históricos**. vol.5, n.10, p.134-146, 1992.

_____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, J. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATITZ, Q. R. S.; VIZEU, F. Construção e uso de conceitos em estudos organizacionais: por uma perspectiva social e histórica. **Rev. Adm. Pública**, v. 46, n. 2, p. 577-598, mar/abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122012000200011&script=sci_arttext>.

MOURA, Guilherme. Hipergeneralizações: organizações são quase qualquer coisa em *best-sellers* de introdução à Administração. **Cadernos EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v.12, nº1, artigo 4, jan/mar 2014.

PERROW, C. **Organizing America: wealth, power, and the origins of corporate capitalism**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2002.

PIERANTI, Octavio P. A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. **Cadernos EBAPE**, v.6, nº1, março 2008.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

RAMOS, Guerreiro. **A nova ciência das organizações**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1989.

REIS, J. C. **Escola dos Annales – a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. Crescimento organizacional: uma ideologia gerencial? **RAC**, v. 19, n. 1, pp. 127-141, Rio de Janeiro, Jan./Fev, 2015.

SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v.9, n.1, p.157-180, jan/abr, 2009.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAGTENBERG, M. **Burocracia e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____. **Administração, poder e ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUCHMAN, G. Historical social science: methodologies, methods, and meanings. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Eds) **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 1994.

ÜSDIKEN, B; KIESER, A. Introduction: history in organization studies. **Business History**, v. 46, n. 3, p. 321-330, July 2004.

VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Madri: Síntesis, 1990.

_____. **Ideologia: uma aproximação multidisciplinaria**. Barcelona: Gedisa, 2006.

_____. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Ideologia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s53-s61, dez. 2015.

VIZEU, F. Potencialidades da Análise Histórica nos Estudos Organizacionais Brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, vol.50, n.1, jan/mar., pp.37-47, 2010.

_____; MATITZ, Q. R. S. Contribuições da História dos Conceitos (Begriffsgeschichte) para os Estudos Organizacionais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**. v.1, n.2, p. 165-186, dez/2014.

WHITE, R. **Railroaded: the transcontinentals and the making of modern America**. New York: W. W. Norton, 2012.

WOLMAR, C. **The great railway revolution**. London: Atlantic Books, 2012a.

WOLMAR, C. **Engines of war: how wars were won & lost on the railways**. London: Atlantic, 2012b.

Submetido em 29/05/2023
Aprovado em 06/09/2024